

Erico Verissimo

Noite

Ilustrações

Rodrigo Andrade

Prefácio, crônica literária e crônica biográfica
Flávio Aguiar



8 Prefácio — O *mea culpa* da metrópole

12 Noite

127 Crônica literária

130 Crônica biográfica

134 Biografia de Erico Verissimo

Ninguém lhe prestou maior atenção, pois naquele local e hora — uma esquina da avenida principal da cidade: oito da noite — ele era apenas uma das muitas centenas de criaturas humanas que se moviam nas calçadas. À primeira vista sua aparência nada revelava de extraordinário. Era um homem de estatura mediana, teria quando muito trinta anos, trajava roupa de tropical gris e estava sem chapéu. Quem, entretanto, lhe examinasse o rosto mais de perto, notaria algo de anormal naqueles olhos cujas pupilas ora se esvaziavam, como as de certos loucos, ora se animavam dum atônito fulgor de medo, como as dum animal acuado.

O homem de gris deu alguns passos, fez uma volta em torno de si mesmo, pareceu que ia entrar pela porta duma casa de apartamentos, mas recuou e, depois de colidir com dois ou três passantes, estacou à beira da calçada, moveu a cabeça dum lado para outro, como quem procura orientar-se, e deu um brusco passo à frente... Sentiu que alguém lhe agarrava o braço e o puxava com violência para cima do meio-fio, ao mesmo tempo que lhe gritava ao ouvido: “Quer morrer atropelado? Atravesse a rua pela faixa”. Ele não disse palavra nem sequer olhou para o homem que o detivera. Ergueu o rosto para o céu e pronunciou o nome de mulher que vinha repetindo mentalmente desde que aparecera àquela esquina, havia pouco mais dum minuto. Sua voz não se sumira de todo no ar e já aquela combinação de sons cessava de ter para ele qualquer sentido; não lhe evocava nenhuma imagem: era como a sombra dum corpo inexistente. E essa sombra mesmo se apagou numa fração de segundo.

Olhou em torno e não reconheceu nada nem ninguém. Estava perdido numa cidade que jamais vira. Recostou-se a um poste e ali ficou a sacudir a cabeça dum lado para outro, como para dissipar o nevoeiro que lhe embaciava as ideias. De olhos cerrados, procurava desesperadamente lembrar-se, e esse esforço lhe atirava o espírito em abismos vertiginosos, em sucessivas quedas no vácuo...

Quem sou? Onde estou? Que aconteceu?

Não era com a mente que ele fazia essas perguntas angustiadas, nem elas chegavam a articular-se em palavras e frases. Essas urgentes indagações em torno de identidade, tempo e espaço estavam subterraneamente contidas naquela ânsia aturdida. Era como um homem que, despertando em quarto escuro, procurasse às cegas, num terror quase pânico, uma janela para o ar livre, para a luz.

Continuou recostado ao poste, recusando-se a abrir os olhos, temendo até pensar, pois isso lhe dava uma sensação de desmaio, lançava-o naqueles precipícios brancos e vazios.

O suor escorria-lhe pela testa, pelas faces, pelo dorso. Fazia um calor sufocante. O ar morto e espesso tinha algo de viscoso. Das lajes das calçadas e do asfalto das ruas, batidos o dia inteiro pela soalheira, subia um bafo de fornalha.

Com o rosto colado ao poste, o Desconhecido escutava os ruídos da noite: o tropel e as vozes indistintas dos transeuntes na calçada; a surda trovoada do tráfego riscada pelo trombetear das buzinas e, a intervalos regulares, pelo tilintar das campainhas das sinaleiras.

A cidade parecia um ser vivo, monstro de corpo escaldante a arquejar e transpirar na noite abafada. Houve um momento em que o homem de gris confundiu as batidas do próprio coração com o rolar do tráfego, e foi então como se ele tivesse a cidade e a noite dentro do peito.

Continuava o tropel na calçada, e do zum-zum informe das vozes de quando em quando se destacava uma palavra clara ou mesmo uma frase. “Que forno!” Alguém falara tão perto que ele chegara a sentir-lhe o hálito morno. Risada feminina. Depois, voz de homem: “Este verão vai ser medonho”. Um passante roçou-lhe o braço. Um outro atirou-lhe na cara uma baforada de fumaça.

O Desconhecido continuava de olhos fechados, como para manter aquela noite particular à parte da outra que envolvia a cidade. E nas ruas sem nome nem norte de sua noite ele estava também perdido. Apertou a têmpora contra o poste e murmurou: “Meu Deus, meu Deus!”. Abriu os olhos. Como as lágrimas lhe turvassem a visão, enxugou-as com a manga do casaco e ficou olhando o vaivém da calçada, com uma curiosidade que por alguns momentos lhe aliviou o estado de angústia.

Ao passarem por baixo do grande anúncio de gás neônio, as faces dos transeuntes tingiam-se ora de vermelho ora de verde ou violeta. O Desconhecido quedou-se por algum tempo a contemplar aquele jogo de cores, como uma criança entretida com um calidoscópio.

Sentiu, sobressaltado, que lhe enlaçavam a cintura, enquanto uma voz lhe dizia: “Estás mal, hem, velho?”. Num movimento instintivo inteiriçou o corpo, desvencilhou-se do abraço e, sem voltar a cabeça nem atentar bem no que fazia, pôs-se a andar. Num gesto maquinal tirou do bolso o lenço e passou-o pelo rosto. Que perfume era aquele? A quem pertencia aquele lenço? Meteu as mãos em outros bolsos e ti-

rou deles uma caixa de fósforos, um maço de cigarros, uma caneta-tinteiro e uma carteira. Parou à frente duma vitrina iluminada e, de ceno franzido, examinou longamente esses objetos, sem reconhecê-los. A carteira estava cheia de dinheiro. Seus dedos acariciaram timidamente as bordas das cédulas, sem tirá-las de seus compartimentos. Muito dinheiro... A descoberta daquelas coisas, principalmente a da carteira, dava-lhe um vago, desconfiado medo. Meteu-as atabalhoadamente nos bolsos, moveu a cabeça dum lado para outro, com a sensação de que estava sendo observado.

Alguém lhe deu um encontrão e ele se pôs a caminhar sem saber por que nem para onde. Aquelas coisas agora lhe pesavam nos bolsos. Eram objetos que não lhe pertenciam. Como teriam vindo parar em seu poder? Talvez tivesse vestido por engano um casaco alheio... Mas como? Quando? Onde? Por quê? Apalpou os bolsos das calças. No direito encontrou um molho de chaves. Não se deteve para examiná-las, limitou-se a *vê-las* com as pontas dos dedos. Estavam presas ao cinto por uma corrente de metal. Por alguns instantes ficou a brincar com elas.

Não queria pensar. Pensar dava-lhe tonturas, doía...

Chegava agora a outra esquina. Recostou-se a um poste e ficou a observar fascinado, mas com um certo temor, os faróis dos automóveis que rodavam sobre o asfalto. Um grande ônibus de janelas iluminadas e abarrotado de gente passou junto à calçada, produzindo uma rápida e morna brisa, que bafejou o rosto do Desconhecido.

Uma voz rouca mais vibrante destacava-se dos outros ruídos da noite. Na calçada oposta um vendedor de jornais gritava: “*Diário da Noite! Diário da Noite!*”. Aos ouvidos do Desconhecido o nome do jornal soava como “*Diaranô! Diaranô!*”. Ele disse baixinho: *Diaranô!*. Depois repetiu mais alto: *Diaranô!* E sorriu, satisfeito, como se de repente houvesse aprendido a língua daquela cidade estrangeira.

Depois seu olhar seguiu a onda de transeuntes que atravessava a rua. Veio-lhe o desejo de segui-la. Pôs-se a andar, lento e inseguro, quando na sinaleira já brilhava a luz amarela. Viu-se de repente sozinho e perdido no meio da rua. Os olhos de fogo avançaram contra ele, o clarão dum farol apanhou-o em cheio, cegando-o momentaneamente.

Por alguns segundos ficou a negacear como uma fera acuada diante dos caçadores, procurando uma brecha para fugir. Chegou a tocar com a palma da mão o para-brisa dum automóvel, bateu com a coxa no para-lama de outro e por fim perfilou-se e, as pernas muito juntas, os braços colados ao longo do corpo, os olhos fechados, deixou-se fi-

car imóvel a balbuciar “Meu Deus, meu Deus”, enquanto os carros passavam zunindo, deslocando o ar que lhe envolvia o corpo, fazendo esvoaçar-lhe os cabelos, a gravata, as abas do casaco, as bocas das calças. E ele sentia naquele bafo o hábito quente arquejante dos animais que o atacavam. O chão estremecia, o espaço se enchia de guinchos, latidos, vozes. Santo Deus! Ele sentia um suor frio escorrer-lhe pelo corpo todo e esperava o momento em que ia ser lançado ao chão e esmagado por aqueles monstros, ficando ali sobre o asfalto, massa informe e sanguinolenta. De súbito a ventania cessou, fez-se um silêncio e ele ouviu a campainha da sinaleira. Abriu os olhos e se surpreendeu de novo em meio da multidão. Deixou-se levar aos empurrões, as pernas meio frouxas, a garganta seca e ardida, o coração a pulsar descompassado — até que atingiu a outra calçada. Foi então que avistou o Parque e lhe veio a ideia de que, se o alcançasse, estaria salvo.

Dentro do parque sentiu-se liberto da cidade, embora ainda prisioneiro da noite. Andou vagueando sem rumo, e durante esses minutos seu espírito, espelho morto, refletiu passivamente o que seus olhos entreviam; o vulto das árvores, os largos tabuleiros de relva com zonas de sombra e luz e, dum lado e outro da alameda, os globos iluminados na extremidade dos postes. Durante algum tempo não prestou atenção ao crepituar dos próprios passos no saibro do caminho e, quando teve consciência desse ruído, imaginou que fossem as passadas dum estranho. Estacou, perturbado, e voltou a cabeça para trás, a fim de verificar se estava sendo seguido. Não viu ninguém, mas isso não o tranquilizou. Retomou a marcha. Caminhava um pouco encurvado, a boca entreaberta, os olhos no chão, o pensamento em parte nenhuma. Sem que ele próprio soubesse por quê, abandonou a alameda e enfiou por um bosque de acácias e pôs-se a andar dentro dele com alguma dificuldade, pois ali a escuridão era quase completa e ele tinha de avançar devagar com os braços estendidos como um cego, a fim de não esbarrar nos troncos. Caminhou assim aos tropeços por alguns minutos que lhe pareceram horas, na esperança de encontrar de novo a estrada iluminada; e, como isso tardasse a acontecer, começou a ficar inquieto e de novo lhe veio aquele medo, a sensação de que estava sendo perseguido, sim, de que estava sendo *caçado* pelo proprietário das coisas que levava nos bolsos... De súbito se viu diante dum aclarreira tapetada de relva e avistou, lá do outro lado, a uns trinta passos

de onde se achava, as luzes duma alameda. Deitou a correr e só parou ao chegar a um dos bancos. Ficou por alguns segundos à escuta, arfante, mas o único som que ouviu foi o do pulsar do próprio sangue nas têmporas. O ardor da garganta e a secura da boca haviam aumentado. Água. Estava com muita sede. Água. Sentou-se pesadamente, atirou a cabeça para trás e ficou a olhar com fixidez para o globo do combustor que se erguia atrás do banco. Chegou-lhe aos ouvidos um rascar de passos. Entesou o busto, moveu a cabeça dum lado para outro, alarmado. Um homem e uma mulher passaram abraçados, sem lhe lançarem sequer o mais rápido olhar. Ah! Decerto ainda não sabiam. Talvez ninguém ainda soubesse. Poderia andar impunemente pelas ruas até... Até quê?

Num gesto de autômato, tirou um cigarro do bolso, acendeu-o e começou a fumar. Descobriu que podia expelir a fumaça pelo nariz e ficou longo tempo absorto nesse brinquedo. O suor pingava-lhe do rosto nas coxas, manchando a fazenda das calças. Ao passar o lenço pelas faces, outra vez o perfume deixou-o intrigado. Tirou do bolso a carteira e tornou a examinar-lhe o conteúdo. Muito dinheiro, muitíssimo dinheiro, uma fortuna... Teve medo de contar as cédulas, uma por uma. Guardou a carteira e ficou olhando para o chão. Decerto tinha roubado. Mas como, se não era ladrão? A verdade é que aqueles objetos não lhe pertenciam. Ia pagar caro o seu crime. Crime? Quem foi que falou em crime? Sim, podia ter assassinado alguém. Pôs-se de pé bruscamente, subiu no banco, aproximou as mãos do globo luminoso e começou a examiná-las, aflito, para ver se estavam manchadas de sangue. Não descobriu nada. Examinou o casaco, as calças, a camisa. Nada! Ergueu de novo os braços para a luz e verificou então que tinha no pulso esquerdo um relógio. Ali estava outro objeto roubado. Um relógio de ouro, com pulseira de metal. Juro como não é meu, mas juro também como não sei de quem é!

Tornou a sentar-se e só então lhe ocorreu que podia estar sonhando. Sim, aquilo era um pesadelo, e essa ideia tranquilizou-o um pouco. Com o torso encurvado, os cotovelos fincados nas coxas, as mãos segurando a cabeça, fechou os olhos e por algum tempo atentou apenas naquele pulsar surdo e doloroso que lhe martelava as fontes. Água. Queria afundar a cabeça dentro dum poço para refrescá-la... Abrir a boca e beber, beber muito...

Veio-lhe de novo aquela aflição, aquele medo, a sensação de que o Parque estava cheio de sombras que o procuravam. Pôs-se de pé, he-

sitou por um instante quanto ao rumo que devia tomar, e acabou seguindo na direção dos edifícios de janelas iluminadas, para além das árvores, pois agora comprehendia que o perigo estava no Parque: era imperioso sair dali o quanto antes.

Caminhava com cautela, olhando furtivamente para os lados e de vez em quando para trás. À esquerda da alameda um largo quadrilátero de relva descia em suave rampa na direção dum renque de salgueiros. O Desconhecido jogou fora o cigarro, precipitou-se declive abaixo e só foi parar além dos chorões, onde a lomba terminava e grandes canteiros se recortavam no chão, cobertos de flores. Foi então que avistou o vulto. O choque da surpresa cortou-lhe a respiração e deixou-o paralisado por alguns segundos. A outra pessoa estava também imóvel, de costas para ele, e parecia olhar para o alto. O Desconhecido ficou por algum tempo a mirá-la e aos poucos lhe veio uma estranha calma trazida pela intuição de que daquele vulto não lhe poderia vir nenhum perigo. Sabia que não tinha sido visto. Podia dar meia-volta e fugir sem ruído. Mas não fez nada disso. Ao contrário: aproximou-se, com uma alegria feroz, embriagado pela revelação da própria coragem. Que viessem! Estava disposto a enfrentar a situação. Acabaria duma vez por todas com aquela estúpida perseguição. Soltou num desafio a primeira palavra que lhe veio à mente: *Diaranô!* A figura continuou rígida, olhando para o céu. Só então o Desconhecido percebeu, pelos contornos da silhueta, que estava diante duma mulher, e duma mulher completamente nua. Numa súbita indignação vociferou: “*Cadela indecente!*”. Deu mais alguns passos, agressivo. A mulher continuava impassível. O Desconhecido saltou para cima da pedra onde ela se achava, enlaçou-lhe o busto, apertou o corpo inteiro da criatura contra o seu, sentindo-lhe a dureza dos seios, das nádegas, das coxas, e desatou a rir como uma criança porque estava abraçando uma estátua, uma estátua de pedra, nua, sim — e acariciava os seios —, completamente nua — beijava-lhe a nuca — ali sozinha no Parque, olhando para o céu — e fazia a mão espalmada descer pelo ventre côncavo, pelas coxas — não oferecia perigo nenhum, nenhum, nenhum... Ria e ao mesmo tempo chorava, as lágrimas lhe rolavam pelas faces, e ele tornou a beijar a nuca da figura de pedra, cujo corpo tinha uma tepidez humana. E como seu peito estivesse colado ao dorso da estátua, pareceu-lhe que era o coração dela e não o seu que batia. Saltou para o chão, recuou alguns passos e olhou o monumento. Representava uma índia com o rosto

erguido, os braços estendidos, as palmas das mãos voltadas para cima, como a pedir alguma coisa ao céu.

O Desconhecido tornou a acercar-se dela. Era a primeira amizade que fazia naquela cidade estrangeira. Aninhou a cabeça entre as coxas da estátua, enlaçou-lhe as pernas e, ao fazer esse gesto, passou-lhe pela mente a tênue e esquiva sombra duma lembrança. (Onde? Quando? Quem?) Mas a sombra passou, ficou de novo o vazio cinzento e foi nesse instante que ele avistou o lago, a poucos metros de onde estava. Aproximou-se dele, ajoelhou-se e pôs-se a banhar sofregamente a testa, as faces, o pescoço. Encheu d'água o côncavo da mão, levou-o aos lábios e bebeu um gole. A água estava morna, áspera e tinha um gosto insuportavelmente amargo. Cuspiu fora o que lhe restava na boca. Começou a dar tapas na face do lago, inclinando a cabeça para receber os borrifos no rosto. Depois mergulhou as mãos longamente. Sentiu que corpos estranhos, oleosos e frios, roçavam por elas, enquanto a superfície da água se enchia de pontos escuros que se agitavam, numa pululação. Bichos! Retirou as mãos bruscamente e ficou olhando. Viu dezenas de peixes espadanando, um abrir e fechar de bocas minúsculas, o fosco luzir de olhos gelatinosos. Por alguns segundos a água ficou encrespada. Depois os peixes se sumiram e a superfície do lago se alisou. O Desconhecido aspirava agora o cheiro da grama, de mistura com o da terra seca e quente. Estendeu-se no chão, abriu os braços e ficou a respirar fundo, a olhar primeiro o céu nublado e depois, cerrando os olhos, o vazio da própria mente. Doíam-lhe as costas e as pernas. O melhor era não pensar, mas dormir, dormir...

Acordou alarmado, olhou dum lado para outro, atônito, com aquele medo de novo a oprimir-lhe o peito. Pôs-se de pé e saiu a andar sem rumo certo.

A carteira pesava-lhe cada vez mais no bolso, e de instante em instante ele lançava um olhar para o relógio. O melhor era desfazer-se daquelas coisas antes que fosse tarde demais. Não lhe pertenciam. Não tinha o direito de usá-las. Procurou desafivelar o relógio, lutou cegamente com a pulseira, mas não conseguiu nada. Podia atirar a carteira entre as moitas... Sim, era a solução. Não! Talvez fosse pior. Se o prendessem e ele não pudesse dar conta do dinheiro roubado? Mas eu não roubei! — gritou. Parou e voltou-se para todos os lados,

para verificar se alguém o havia escutado. Não viu ninguém. O ruído do tráfego chegava-lhe amortecido aos ouvidos. Retomou a marcha. Era preciso sair o quanto antes do mato. O melhor era seguir pela primeira estrada que encontrasse. Foi o que fez. Sentados num banco, um soldado e uma rapariga estreitavam-se num abraço, os lábios colados em prolongado beijo. Não pôde evitá-los, pois só os viu quando já estava a dois metros deles. Passou encolhido, sem olhar. Pouco depois chegou a um redondel em cujo centro se erguia uma pérgula branca cercada de canteiros floridos. A fragrância de jasmins-do-cabo adocicava o ar. O Desconhecido aspirou-a fundamente e ficou parado, de testa franzida, como se estivesse ouvindo uma voz amiga pronunciar seu nome. Aproximou-se dum dos jasmíneiros, estendeu a mão para apanhar uma flor mas conteve-se, tomado de súbito receio. De longe veio o clangor duma buzina de ônibus, que semelhava o berro desgarrado dum boi. Só agora, à luz das lâmpadas que se estendiam num colar em torno do redondel, é que o Desconhecido começou a divisar os vultos humanos camuflados pela sombra zebrada que a pérgula lançava no chão. Quase todos os bancos estavam ocupados por casais de namorados. Soaram passos no areão do redondel. Murmúrios de vozes. Um pigarro. Uma risada.

O Desconhecido avistou um portão japonês e enveredou por ele. Caminhou por dentro dum sombrio túnel de verdura, foi sair num jardim iluminado por lanternas de várias cores, e ficou a andar à toa, já num vago espírito de feriado, por entre árvores anãs, montanhas e pagodes. Passou por uma ponte em arco que atravessava um regato, escalou um vulcão — de cuja cratera subia um resplendor vermelho — e isso o divertiu tanto que ele voltou sobre os próprios passos e repetiu a proeza. Por fim parou à frente dum templo aberto, a contemplar um ventrudo Buda placidamente sentado sobre um tamborete. No corpo de bronze do ídolo refletia-se a luz verde das lanternas que pendiam do teto. Sapos coaxavam no regato próximo, mas para o homem de gris quem coaxava era aquele deus bonachão que o fitava com seus olhos vazios e sorria como se soubesse de alguma coisa ou de tudo.

O Desconhecido foi despertado de sua contemplação por um grito. Tomado dum medo pânico rompeu a correr às cegas, pisando em canteiros, mergulhando os pés num regato onde boiavam flores aquáticas, que na sombra pareciam estranhos peixes adormecidos. E as vozes às suas costas — agora eram muitas — faziam-se cada vez mais fortes, e pareceu-lhe que diziam — *Pega! Pega!* Ele corria sempre, e quanto

mais avançava mais nítidos iam ficando a seus ouvidos os ruídos do tráfego. Por fim, com uma repentina sensação de alívio, viu a rua iluminada, o clarão das vitrinas, os faróis dos automóveis, as casas, as calçadas — de novo a cidade. Estava salvo!

Havia pouca gente naquela quadra, e isso de certo modo o tranquilizou. Ficou longo tempo parado sobre o meio-fio, esperando a oportunidade de atravessar a rua, atraído como estava por uma vitrina da calçada oposta. Habitava-se aos poucos àquela cidade. Em breve estaria familiarizado com suas ruas, e talvez até com seus habitantes. Claro, conseguiria explicar à polícia que não era um ladrão, que não sabia como aqueles objetos tinham vindo parar em seu poder... Acendeu um cigarro, tirou uma baforada e, aproveitando o momento em que não passava nenhum veículo, rompeu a correr através da rua e foi parar na frente da vitrina, orgulhoso da proeza. Depois das sombras do mato era bom ver luz, muita luz. Aproximou o relógio dos olhos, num gesto automático. Parado. Verificou que o vidro estava partido. Como acontecera aquilo? Onde? Teria de mandar botar um vidro novo, antes de devolver o relógio ao verdadeiro dono. Um belo relógio... Já começava a ufanar-se dele.

Ficou a olhar para os artigos de praia expostos na vitrina — bolas de borracha de gomos coloridos, roupas de banho, boias na forma de peixes, jacarés, serpentes... Sobressaltou-se ao avistar o homem que o observava lá no fundo... Um homem sem chapéu, o cabelo revolto, a roupa manchada, um cigarro preso aos lábios... Levou algum tempo para perceber que estava diante dum espelho. Começou a fazer gestos que o *outro* repetia. O *outro* era ele. Mas ele era... assim? Chegou a encostar a testa no vidro para ver mais de perto a própria imagem. Quedou-se por alguns segundos nessa postura, os olhos agrandados por uma nova espécie de temor. Teve ímpetos de quebrar o espelho, no entanto seus braços permaneceram caídos ao longo do corpo. Sentiu um amolecimento enternecido. O cigarro tombou-lhe aos pés. Uma coisa lhe subiu no peito, apertou-lhe a garganta e finalmente lhe saiu pela boca num soluço. Por algum tempo ele chorou como uma criança, ali junto da vitrina. Por fim enxugou os olhos com a manga do casaco, mas não quis mais olhar para o *outro*. Saiu a caminhar lentamente, e de instante a instante balbuciava — “Meu Deus!” — achando estranha a própria voz como achava estranha a própria imagem. Passou por ou-